

“Trabalhei com a arma apontada para minha cabeça por horas”,
conta Ezio Frediani, pequeno empresário.

O ano era 1990. Em um galpão pequeno, de portas de vidro, com as paredes verdes, Ezio decidiu reativar a produção de cadeados que seu pai, Antônio, havia desativado anos antes. Na época, com 30 anos estava cursando direito, mas o desejo de continuar os negócios do pai o fez não seguir a carreira de advogado.

Começou com pouco, nos fundos da casa de seus pais, com apenas dois funcionários: ele e Antônio. Depois conseguiu o galpão, ali mesmo na rua de casa. Então vieram novas oportunidades, cresceram, contrataram funcionários, conseguiram mais contatos.

A Cadeados Brasília estava a todo o vapor. Era uma empresa pequena, nunca passou dos 10 funcionários, mas satisfazia as expectativas de pai e filho. Os lucros começaram a chegar uns anos depois, o que deixou tudo melhor. Máquinas novas, novos produtos para serem fabricados, novos compradores. E assim se estendeu por anos.

Corta. O ano era 2010. Mais precisamente 5 de maio de 2010. O céu já deixava marcas do entardecer. A velha porta de vidro rangeu quando dois homens desconhecidos caminharam galpão a dentro. Ezio, que estava na produção e não no escritório, percebeu a presença dos dois. Largou o que estava fazendo e se dirigiu a eles. Os sujeitos eram jovens, não passavam dos 20 anos, usavam um agasalho pesado e escuro, o que não combinava com a tarde ensolarada que caracterizava esse dia. Ezio pôde ver a tensão estampada nas expressões de ambos enquanto se aproximava. Não demorou muito para mostrarem as armas. O assalto foi anunciado.

“Queremos falar com o dono”. A adrenalina que preenchia o sangue de Ezio naquele momento o fez responder: “ele já foi embora, não volta mais hoje”. O

silêncio tomou conta do ambiente, que antes estava tomado pelos barulhos das máquinas trabalhando. “Então o dono não vem?”. “Provavelmente não, ele até deixou a chave comigo para eu fechar tudo”, disse procurando demonstrar confiança em suas palavras. Silêncio. “Vamos esperar”, anunciou um dos homens.

Com uma arma apontada para a cabeça, Ezio recebeu instruções para continuar fazendo suas ocupações, enquanto um dos homens o seguia. O outro permaneceu vigiando a porta. Temendo que descobrissem que era ele o verdadeiro dono, seguiu fazendo as mesmas funções que todos os outros funcionários. Soldava peças, atendia telefone, ajudava na pintura, sempre acompanhado pela pistola.

A mão suada de preocupação quase nem dava conta de montar as peças que Ezio estava fabricando. O nervosismo ficava explícito em cada movimento. Todos notaram, inclusive o causador de tudo isso. “Fica tranquilo que não vamos fazer nada com vocês, mas se o dono chegar aqui e não tiver o dinheiro, ele tá morto”. Obviamente essas palavras não foram capazes de tranquilizar Ezio, que apenas assentiu e voltou a atenção para a produção.

“Hoje é o dia do pagamento, né?”, questionou o homem que apontava a arma. Ezio ficou confuso, como esse homem saberia a data em que ele paga os funcionários? “Não, o pagamento foi ontem”, respondeu com estranheza. Era claro para ele que alguém havia passado algumas informações para os assaltantes. Quem seria? Será que o informante era um ex-funcionário ou ele estava ali mesmo, naquele galpão acompanhado tudo? Todos esses questionamentos rondavam sua cabeça. O medo de ser delatado cresceu.

30 minutos. 1 hora. 2 horas. O relógio passava devagar naquela tarde. “Pode ter certeza que foram as duas horas mais longas de todos que estavam ali”, contou Ezio mais tarde. Quanto mais tempo passava, mais os assaltantes se demonstravam inquietos. “Ele não volta mais hoje mesmo?”, indagou ainda segurando a arma. “Não, a gente já vai fechar, ele quase nunca fica até esse horário”. Procurando buscar algum lado sensível no homem, Ezio ainda acrescenta: “Já são quase 17:00 horas, preciso ir buscar minha filha na creche”. Os capangas se entre olharam e finalmente abaixaram a arma. O

silêncio reinou novamente. Todos estavam observando atentamente a cena. Um falou para o outro: “Está escurecendo, ele não vai aparecer, vamos embora”.

Com a arma ainda em mãos, eles se preparavam cautelosamente para saírem do galpão. Um passo para trás, olhos fixos em Ezio, que estava à frente da multidão de funcionários. O barulho do escapamento da moto trouxe a confirmação de que eles haviam partido. Suspiros de alívio.

Algumas dúvidas ainda assombraram o pensamento de Ezio por um tempo. Mas a gratidão por tudo ter ocorrido bem o preenchia. O assunto ainda correu por algumas semanas, mas logo se apagou.

Corta. Ano de 2020. Entro pela mesma porta de vidro. O barulho das máquinas é quase ensurdecedor. Avisto Ezio. “Bom dia”. Nos sentamos em uma parte mais silenciosa. Pego o gravador e aperto o “start”. Começo a entrevista.

Após relatar o assalto, eu o questiono: “O que você fez depois que eles foram embora?”. Com uma expressão pensativa, se esforçando para lembrar acontecimentos de 10 anos atrás, Ezio conta: “Para falar a verdade, não fiz nada”. Um estranhamento toma conta da minha face e ele logo se explica: “Eu não chamei a polícia nem nada, também não fui atrás de quem passou as informações para os bandidos”.

Quando questiono sobre seus sentimentos no momento do assalto, ele desabafa: “Não sei ao certo o que senti. Não parecia real, parecia que eu estava vendo tudo o que estava acontecendo de fora. Me senti assistindo um filme, sentia toda a adrenalina, mas era como se não estivesse acontecendo comigo. Hoje, quando penso sobre isso, ainda não me parece real”.